

# **Paisagens de águas e as memórias dos rios: Experiências de/nas beiras em Belém<sup>1</sup>**

*Water landscapes and rivers' memories:*

*Experiences from/on the shores in Belém*

**Victória Costa\*<sup>1</sup>**

**Palavras-chave:**  
Paisagem; Águas urbanas; Beira; Memória; Imagem.

**Resumo:** Enquanto cidade localizada na Amazônia, Belém tem suas paisagens entremeadas pelas águas. Neste artigo, enveredo pelas discussões sobre experiências e imaginários tecidos nas beiras, seja em portos, rios ou canais desta metrópole fundada a partir destas áreas. A complexidade destas/nestas paisagens híbridas evoca imbricamentos cotidianos entre as águas, os ecossistemas que se desenvolvem ao seu redor e a interação de moradores e passantes. Deste modo, por meio de imagens etnográficas e narradas, apresento os contrastes entre alguns dos bairros da capital paraense no trato com estas águas, com o objetivo de evocar os debates em curso nestas diferentes dinâmicas urbanas. Assim, é possível observar como estes lugares têm sido produzidos, acomodando múltiplas existências junto às questões socioambientais que se intensificam e são percebidas e processadas de diversas formas na cidade, o que se torna perceptível quando observados os contextos de mobilização dos bairros e da gestão pública. Ao instigar reflexões a partir da referida temática, emergem questões sobre memórias do lugar e as relações que são criadas no e com o tempo. Desta maneira, elaboro reflexões acerca das construções processuais e convivialidades entre moradores destes bairros e as paisagens de águas: aquelas que acomodam rios em suas diversas formas.

---

1 Recebido em 30 de abril de 2024; aceito para publicação em 23 de maio de 2024.

\*<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES. E-mail: victoriaetcosta@gmail.com.

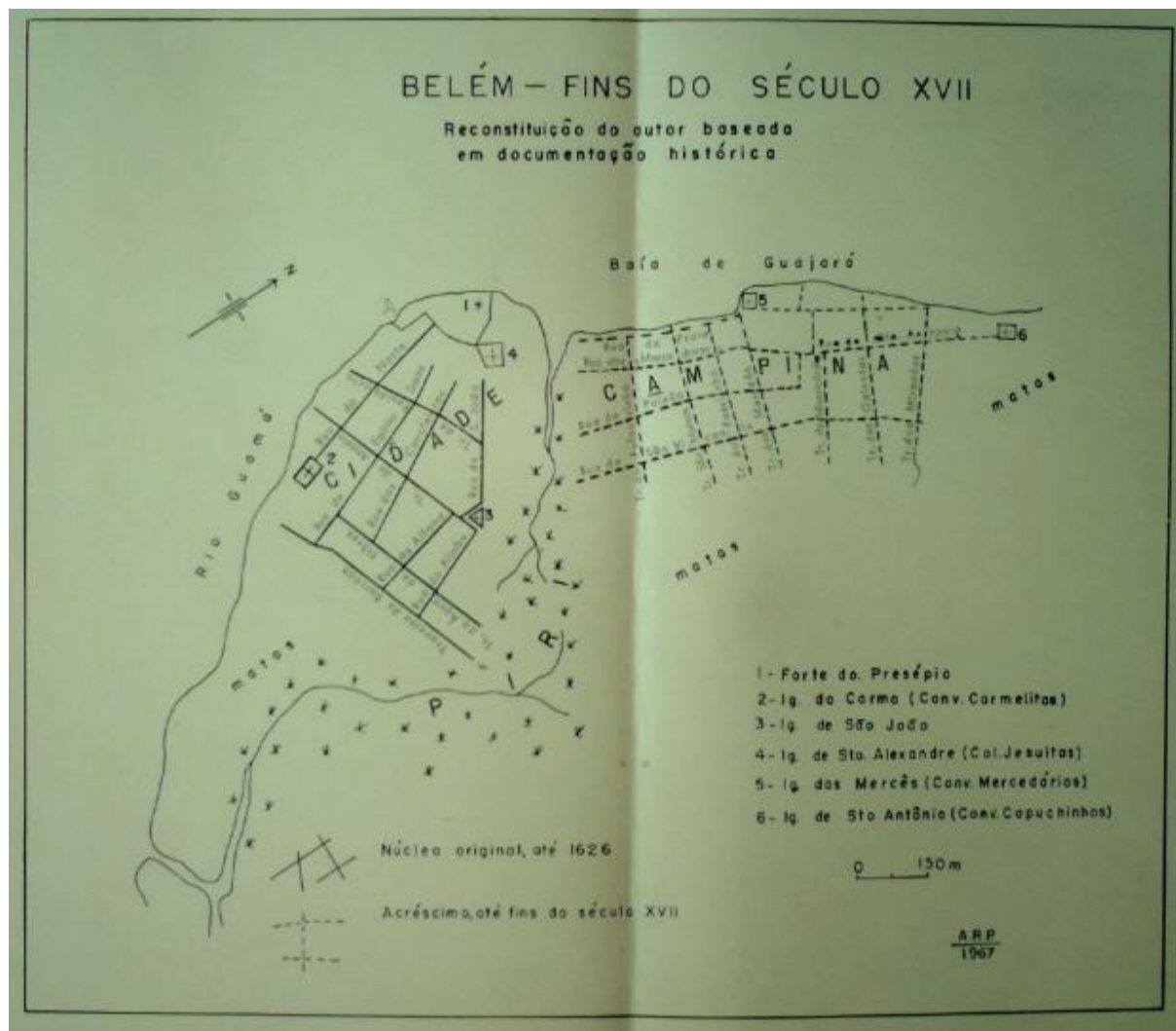
**Keywords:**  
Landscape; Urban  
waters; Border;  
Memory; Image.

**Abstract:** *As a city located in the Amazon, Belém has its landscapes interspersed with water. In this article, I explore discussions about experiences and imaginaries woven on the edges, whether in ports, rivers or canals of this metropolis founded from these areas. The complexity of these hybrid landscapes evokes everyday overlaps between the waters, the ecosystems developed around them and the interaction of residents and passers-by. In this way, through ethnographic and narrated images, I present the contrasts between some of the neighborhoods of the capital of Pará in dealing with these waters, with the aim of evoking the ongoing debates in these different urban dynamics. Thus, it is possible to observe how these places have been produced, accommodating multiple existences along with socio-environmental issues that intensify and are perceived and processed in different ways in the city, which becomes noticeable when observing the contexts of mobilization of neighborhoods and public management. By instigating reflections based on this theme, questions emerge about memories of the place and the relationships that are created in and with time. In this way, I elaborate reflections on the procedural constructions and convivialities between residents of these neighborhoods and the water landscapes: those that accommodate rivers in their multiple forms.*

## Introdução

**B**elém do Pará foi fundada às margens do Rio Guamá e da Baía do Guajará. Enquanto parte da região amazônica, o contato com as águas sempre teve implicações nas relações cotidianas: desde o acesso às ilhas próximas, até mesmo as incursões de colonizadores pelos rios maiores, aos interiores. A Cidade Velha, primeiro bairro da capital paraense, foi estrategicamente escolhida como ponto inicial por suas margens, facilitando o ir e vir de embarcações e, a partir deste espaço, a ocupação da cidade foi sendo interiorizada.

A geografia local, no entanto, também apresentou obstáculos para viajantes europeus. Conforme podemos ver na imagem abaixo, a formação do território com áreas como o alagado/igarapé do Piry demandou estratégias para a ocupação, por conta da extensão das áreas de várzea, como boa parte do território belenense. Assim, o aterramento e a canalização de alguns braços de rio foram transformando as paisagens urbanas ao longo do tempo, à medida em que houve o crescimento populacional e, portanto, ocupação destas terras.



Belém - Fins do século XVII - Penteado, 1968.

Às camadas médias e altas, cabia a circulação pelas áreas mais nobres, aterradas e com ares e arquitetura que se europeizaram com maior intensidade entre o final do século XIX e início do século XX, tempos de intensa exploração do látex na Amazônia. Esta atividade atraiu não somente a atenção e investimento de vários países, como também a significativa imigração de mãos-de-obra, especialmente dos estados do nordeste do Brasil. Assim, a ocupação dos bairros precarizados, afastados do “centro”<sup>2</sup> reunia ribeirinhos das ilhas próximas e pessoas das cidades dos interiores do estado do Pará, assim como estes migrantes, que viviam em péssimas condições de trabalho. Deste modo, compreendemos o histórico de formação de alguns destes bairros que, nesta pesquisa, chamo de periferizados e/ou de fronteira simbólica, pois, ainda hoje, ecoam as imagens sobre a situação destes bairros que, apesar de nem sempre próximos uns aos

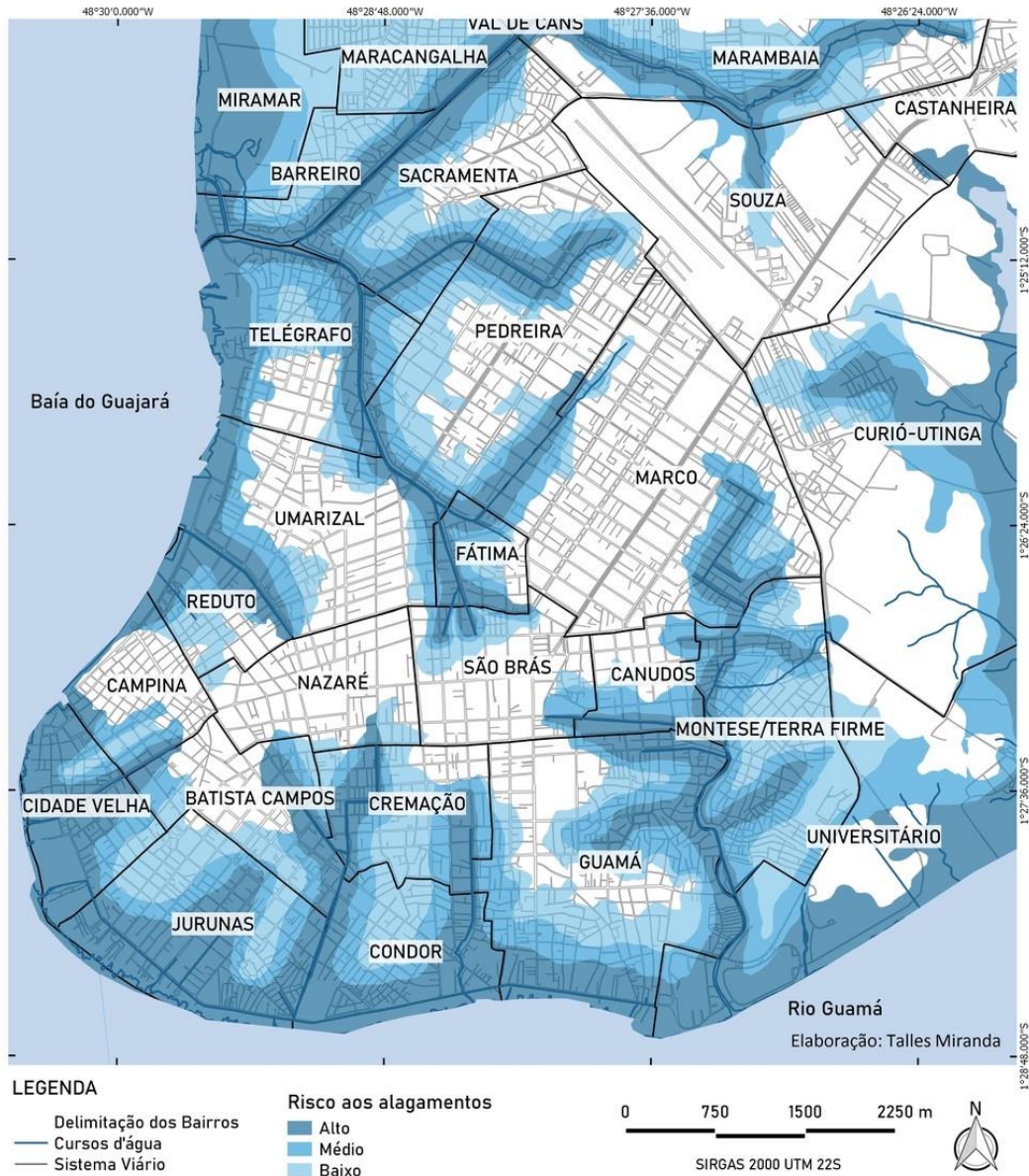
<sup>2</sup> Entendendo, aqui, a categoria “centro” também como centralização econômica e de poder, além de ser a área considerada central da cidade.

outros, têm semelhanças desde as interações sociais que neles ocorrem, até a formação de suas paisagens.

Neste artigo, evoco discussões que partem principalmente de bairros populares de Belém, como Jurunas e Terra Firme, mas também alguns exemplos de bairros de camadas médias, destacando as relações criadas entre seus moradores/praticantes e estas experiências urbanas específicas, por suas questões ambientais e sociais, mas, ao mesmo tempo, pertencentes ao global. As características que ressaltam o viver amazônida, através das águas também aproximam de comunidades periferizadas ao redor do mundo, que guardam em si a interseção de questões sociais, econômicas, ambientais e de poder, mas que reagem, de algum modo, às imagens criadas por terceiros. Para debater essas questões mais detidamente, apresento alguns materiais artísticos enquanto ferramenta das comunidades que vivem nestes bairros para lidarem com criatividade, partindo de suas experiências cotidianas e, também, das memórias tecidas na vivência cidadina coletiva.

### **Bordas, fronteiras, baixadas**

Conforme apresentado na introdução, o processo de fundação de Belém do Pará teve o Rio do Guamá e a Baía do Guajará, suas águas, como entrada principal. Os primeiros bairros, antigos, assim como casarões e pontos turísticos mais conhecidos permanecem no entorno e não se distanciam muito, constituindo esta área considerada central e de morada das camadas médias e altas, de modo geral. Famílias que não faziam parte das elites no decorrer destes séculos foram empurradas para locais alagadiços, sendo, portanto, áreas de baixada, de várzea, como é possível conferir no mapa abaixo. Ainda que se assemelhe, em aspectos socioeconômicos, às consideradas “periferias” em algumas partes do Brasil e do mundo, as baixadas guardam especificidades que transbordam em suas paisagens e que pedem olhares mais atentos. É possível notar ao compreender que, quanto mais forte o azul do mapa, maior o risco de alagamento e, também, maior vulnerabilidade social na área demarcada:



Mapa de Alagamento - Fonte: CPRM (2015) – Foto: Thales Miranda. Arquiteto e Urbanista (UFPA, 2018). Mestrando do PPGAU-UFPA. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/03/12/alagamentos-em-belem-nao-sao-causados-so-pela-forte-chuva-e-mare-alta-diz-especialista-entenda.ghtml>

A partir do mapa é possível notar que existem diferentes níveis de contato com as águas pela via dos alagamentos, a depender do bairro. O que também afeta diretamente o tipo de relação tecida no dia a dia com vias alagadas, canais e suas consequências. As camadas médias e altas, por exemplo, têm a escolha de ter ou não este contato, que pode ser em um passeio turístico na Estação das Docas ou ao atravessar para a Ilha do Combú para uma refeição, talvez em momentos de lazer em alguma marina com seus *jet skis* ou lanchas no fim de semana ou mesmo da janela do seu apartamento em um

dos prédios cuja “vista para baía” valoriza o imóvel. Sobre este último ponto, destaco a apropriação mercadológica por parte de empresas imobiliárias para vender apartamentos que proporcionam este contato, como podemos ver na imagem de anúncio abaixo:



Imagens de divulgação do empreendimento imobiliário. Disponível em: <https://www.imeispara.com/imovel/1320552/apartamento-venda-belem-pa-telegrafo-lago-di-garda>

Não raro, estes grandes empreendimentos têm suas construções permitidas pelos órgãos responsáveis e, assim, são planejados de acordo com um padrão de *status* ainda que em total disfunção com seu entorno: estruturas que prejudicam ou são prejudicadas pelo solo, quantidade de pavimentos acima do indicado para áreas próximas aos cursos d'água, entre outros entraves. A verticalização de Belém é uma realidade. O contato destes prédios com as águas segue sendo, em sua maioria, puramente visual, distantes de beiras de rios e canais, mas coexistem com a realidade em que o saneamento básico de boa parte da população da cidade é precário. A matéria do Jornal O Globo apresenta os seguintes dados:

(...) qualquer lugar que a água não alcança é mais valorizado. Mas a beleza das varandas envidraçadas dos novos edifícios contrasta com o esgoto a céu aberto em boa parte das ruas, além do lixo em calçadas, palafitas que se avizinham na esquina e até mesmo falta de identificação dos logradouros. Segundo o IBGE, 48% das ruas de Belém não são identificadas por placas, 35% não têm calçadas, e um terço não tem bueiro ou boca de lobo.<sup>3</sup>

Neste ínterim, ressalto que uma das vias com o metro quadrado mais caro da cidade tem um rio canalizado por toda sua extensão, a Avenida Visconde de Souza Franco,

---

<sup>3</sup> Matéria “Belém: prédios de até 40 andares convivem com áreas sem esgoto”, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/belem-predios-de-ate-40-andares-convivem-com-areas-sem-esgoto-8174684>> Acesso em 20 abr 2024.

também conhecida como “Doca”. Assim, existem algumas épocas do ano em que as questões de saneamento e esgotamento ultrapassam as linhas da normalização dos *habitués* do entorno e invadem seu cotidiano, causando impactos como transbordamento do canal e caos no trânsito nas vias que interligam o “centro” da cidade<sup>4</sup>.

Enquanto isso, a relação das camadas populares com as águas é cotidiana, seja por conta dos canais e pontes próximos às suas casas, seja pela enchente que lhes alcança dentro de suas moradias. As chuvas da tarde, conhecidas por sua “pontualidade”, tornam mais frequentes os transbordamentos dos canais e rio/baía nas épocas de chuvas mais intensas, conhecidas como “inverno amazônico”. Nos bairros mais populosos, por tratarem-se de áreas de várzea e/ou que foram aterradas, as casas (sejam elas de alvenaria ou, principalmente, as feitas de madeira) passam por adequações em determinados períodos do ano, pois as águas afetam suas estruturas, seja enchendo as casas, seja fazendo com que o solo ceda e a casa “desça”, impelindo os moradores a “subirem” suas casas, em construções que se adaptem às influências e à agentividade deste ambiente em que estão inseridas.

O bairro do Jurunas foi um daqueles cuja criação se tornou possível após a expansão da ocupação de Belém, que passou por alguns aterramentos de igarapés e cursos d’água. Por sua proximidade com as ilhas, conforme estudado por Carmem Rodrigues (2006), o bairro tinha (e ainda hoje tem) intenso trânsito e influência ribeirinha, por conta dos portos. Essa influência é presente nos seus moradores, mas também em seus costumes, até mesmo na alimentação, como destacado por Rodrigues na pesquisa mencionada. A autora discorre sobre a localização do bairro e como ele participa dos fluxos da cidade, seja pelos portos ou pelas ruas, os deslocamentos ocorrem a pé ou com o uso de bicicletas, ainda muito frequentes hoje, o que reflete nas sociabilidades entre os moradores. Nota-se que, assim como os portos, as beiras fazem parte desse fluxo diário.

Já o bairro da Montese, cujo nome não foi aceito pela população, que prefere chamar por Terra Firme, tem sua ocupação por volta de 1940<sup>5</sup>. A área banhada por águas tinha palafitas como principais moradias. Assim, o nome “Terra Firme” era inicialmente irônico, pois, com os braços de rio e igarapés, aquelas terras só ficaram firmes após aterramentos. O igarapé Tucunduba, afluente do Rio Guamá e cuja bacia tem aproximadamente 10Km<sup>2</sup>, tem forte presença em alguns bairros, dentre eles, a Terra Firme. Apesar das recentes obras de macrodrenagem do canal<sup>6</sup>, a população do entorno

---

<sup>4</sup> Matéria “Chuva e maré alta causam engarrafamento na avenida Visconde de Souza Franco; vídeo”. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/chuva-e-mare-alta-causam-engarrafamento-na-avenida-visconde-doca-de-souza-franco-1.790558>> Acesso em 20 abr 2024.

<sup>5</sup> Matéria “Terra Firme: amor, humildade e identidade”. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/terra-firme-amor-humildade-e-identidade-1.51503>>. Acesso em 15 mai 2022.

<sup>6</sup> Em obras desde a década de 1990, a macrodrenagem do canal do Tucunduba teve seus primeiros trechos entregues em 2021, com projeção de melhorias em relação aos alagamentos, além da urbanização da área, com praças, áreas de esporte e parques infantis. Ler mais na matéria “Após 30 anos, obras do Tucunduba estão em fase final”, disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/apos-30-anos-obras-do-tucunduba-estao-em-fase-final-1.480157>> Acesso em 29 mai 2022.

convive há décadas com as adversidades resultantes do descuido com o igarapé, sendo os alagamentos um dos exemplos mais frequentes. Mas há que se dizer sobre o papel social que o Tucunduba exerce, seja em relação às ilhas próximas à capital, seja diante da comunidade: o trânsito por suas águas, levando e trazendo pessoas e mercadorias, o lazer das crianças que se banham nessas águas em dias de chuva ou que brincam no seu entorno, o descarte de lixo e dejetos, as pontes de madeira que compunham com maior frequência esse cenário até pouco tempo, também fazem parte dos caminhos de quem anda por entre as ruas do bairro. O Tucunduba é uma ligação, possibilita o ir e vir que é parte do cotidiano dos habitantes deste meio.

As paisagens são constantemente modificadas por diversos fatores, assim como também modificam seus transeuntes, afetando-os em sua experiência da cidade. Neste caso, entender quais as particularidades destas paisagens para as interlocutoras desta pesquisa também colabora para o entendimento das paisagens que elas estão construindo e visam construir, ainda que involuntariamente. Para Pierre Sansot:

A paisagem é o que não precisa ser explicado, trazido à luz porque todos nós vivemos juntos, e quando falamos sobre isso, é no modo do implícito ou com um sotaque e uma sugestão de conivência que escapa do homem exterior e o designa como tal, mesmo que ele tenha um bom conhecimento biológico do ambiente. (SANSOT, 1983, p. 66, tradução da autora)<sup>7</sup>

Ainda no tocante à paisagem, também reflito a partir do que Flávio Silveira coloca:

A paisagem é um fenômeno do ser porque tem relação com o sujeito que sonha, percebe e representa. Ao permitir-se o repouso e o mergulho para o interior das coisas, dos elementos que a constituem e que abarcam sentidos, torna-se capaz de organizá-la numa totalidade que é a sua própria representação. A paisagem existe como tal porque sua força vibrante está no imaginário, enquanto conjunto complexo de imagens sobre as quais repousa toda a simbolização. Este pluralismo de imagens, portanto, resguarda a capacidade de criar formas sutis, onde o mito e a poesia são possíveis. (SILVEIRA, 2009, p. 77)

A partir das abordagens de Sansot (1983) e Silveira (2009), que articulam o entendimento de paisagem enquanto fenômeno sensível, entendo a noção de fronteira enquanto um lugar de práticas (CERTEAU, 1994), sejam elas de tensões, afetos ou embates (SIMMEL, 1983), de dinâmicas, onde (em um sentido físico, mas também simbólico) narrativas são elaboradas em favor de representações de perspectivas, entendimentos localizados. Assim, aliando estes entendimentos de paisagem enquanto um processo e sua força vibrante, também em Sansot (1983) e Silveira (2009), possibilitados pelos afetos e relações (SIMMEL, 1996b), as paisagens de fronteiras simbólicas de que trato aqui são construções *do* imaginário em que as relações emergem *dos e nos* lugares, a partir das dinâmicas vigentes nestes contextos.

---

<sup>7</sup> Le paysage, c'est ce qui n'a pas besoin d'être explicité, porté à la lumière parce que nous le vivons tous ensemble, et, lorsque nous en parlons, c'est sur le mode du sous-entendu ou avec un accent et une pointe de connivence qui échappe à l'homme du dehors et qui le désigne comme tel, même s'il possède une bonne connaissance biologique dudit milieu (SANSOT, 1983, p. 66)



### Criação de narrativas outras

Para realizar esta pesquisa, me aproximei de pessoas que vivem (n)estes bairros, especificamente Terra Firme e Jurunas, que tenham a familiaridade dos percursos cotidianos (desde a saída de casa acompanhada dos cumprimentos de um vizinho) e que tem a sua rua como uma extensão de sua morada. O sentimento de pertencimento (comum nos bairros de fronteira simbólica) e as experiências percorrem suas falas, por isso,

A descrição da cidade, que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes, tanto quanto na do etnógrafo, que reinterpreta as interpretações dos habitantes cujas trajetórias ele pesquisa. (...) em face do habitante que aceita compartilhar suas interpretações, o tempo vivido na cidade se torna objeto de narrativas que operam as formas do pensamento, ordenando as descontinuidades dos ritmos ordinários. (...) O cidadão, motivado a evocar suas memórias e imagens no fluxo do relato biográfico, se reinventa como sujeito que narra situações-eventos (Sahlins, 1985) de suas experiências vividas como trama de construção de sentidos de um “si-mesmo”, narrativas não desprovidas de toda dimensão normativa, valorativa, prescritiva e ética (Ricoeur, 1991). (ECKERT; ROCHA, 2013, pg 130-131)

As autoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Rocha apresentam a etnografia da duração, como esta forma de estar em campo, de estarmos atentas às narrativas, às memórias contadas, para, posteriormente, renarrá-las. Assim, nos “permitindo”, enquanto antropólogas, a estarmos abertas ao sensível quando em campo, para que a imaginação criadora nos permita, também, a fabulação. O trabalho de elaborar visual, sonora e/ou textualmente o que nos chega em campo é, também, um esforço ético-estético ainda mais intenso quando se trata de comunidades cujas memórias pouco foram registradas e/ou difundidas, como é o caso destes bairros citados acima.

A escolha por interlocutoras que façam parte da criação de produções audiovisuais faz com que, não raro, as conversas com elas sobre estes bairros evoquem suas atividades mais corriqueiras, porém, que também façam referências a outras pessoas, a um fazer coletivo que vem de uma construção de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2004). A elaboração do tempo, por outro lado, já não é o tempo do mundo, mas o tempo vivido.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 47)

O imaginário criado e recriado em torno da Amazônia e “sua floresta” remonta há séculos. Já as imagens sobre as baixadas, ainda que mais recentes, estão, também, em

processo de feitura, ganhando mais força nas duas últimas décadas. Assim, é interessante saber como moradores, artistas, transeuntes percebem, constroem e são construídos por estas paisagens, compondo imaginários à medida em que externam essas percepções sobre tais lugares. Que paisagens são essas? Quais imagens elas estão trazendo? Neste ponto, ressalto que, tomo imagem a partir do sentido de Gilbert Durand, que diz que “[a] primeira característica da imagem que a descrição fenomenológica revela é que ela é uma consciência e, portanto, como qualquer consciência, é antes de mais nada, transcendente” (2012, p. 22), assim como a imagem, também é a essência do espírito, segundo o autor.

As diferentes narrativas que emergem artisticamente também criam imagens que vão se sobrepondo no espaço e no tempo de Belém, elaborando as paisagens (SANSOT, 1983; SILVEIRA, 2009) desta/nesta cidade a partir desta pluralização de perspectivas, que possibilita que nossos olhares sobre e em Belém sejam expandidos para outros lugares, aqueles não- centralizados, vindos de outros afluentes. São formadas as camadas (da arqueologia dita por Gilbert Durand) que se tocam, se interpenetram, gerando trocas. É desta forma que, por conta da interação com o mundo, as imagens sobre estes bairros de fronteira simbólica têm figurado em variadas expressões artísticas, em especial em Belém, *locus* desta pesquisa.

Joyce Cursino, jornalista, atriz, criadora da Negritar Produções e idealizadora do Telas em Movimento, iniciou suas atividades enquanto realizadora audiovisual assim que percebeu que seus trabalhos como atriz não chegavam em sua vizinhança, pois eram exibidos em canais de televisão fechados, ao mesmo tempo em que sentia a ausência desta vizinhança nas telas. Então criou uma produtora de impacto social composta por pessoas negras e o Telas em Movimento, que nasceu como um projeto para redemocratizar o acesso ao cinema, em comunidades periféricas de Belém e, hoje, já alcançou algumas outras cidades do Pará e, também, do Maranhão. Nascida e criada no Jurunas, a memória que Joyce tem do seu bairro é anterior àquela da cidade, ela diz:

eu sempre ia com a mamãe e com o papai, principalmente, com a minha avó, que a gente tem uma... a minha avó é de uma família quilombola lá no Maracujá, a mãe do meu pai, e a gente sempre pegava, atravessava o Porto do Açaí pra ir pra Ilha do Maracujá. Então a minha infância foi aquele Porto do Açaí. E quando eu cresci, sempre se falava em feira do Açaí, que é essa aqui pro... central, e nunca se fala do Complexo do Jurunas, do Porto do Açaí do Jurunas... (Joyce Cursino em entrevista cedida à autora, 8 de novembro de 2021)

O porto, a ilha, as águas... estar na “beira” tem uma complexidade de significados quando se trata destes bairros, pois estão, ao mesmo tempo, na beira das águas e às margens da cidade, tomando o sentido simbólico de afastamento. É aí, então, que se forma o conceito de fronteira de que trato aqui, o rio ou a baía não dividem locais. Pelo contrário, são lugares que unem a partir desses fluxos, destes atravessamentos que também transformam paisagens e pessoas, por isso, também simbólicos.

As referências que Joyce tem sobre paisagens de Belém remetem à sua infância, suas experiências no Jurunas com sua família. A representação desses espaços e de pessoas como aquelas do seu bairro foram as ausências que motivaram a jornalista a escolher o modo de trilhar os caminhos pelo universo da produção audiovisual. Assim, com o “espírito que sonha”, sua imaginação reverbera em sua narrativa e, por vezes, também em suas criações artísticas.

### **Experiência, sensibilidade, águas**

*“é impressionante como a Amazônia, aqui, no nosso território, é tudo encharcado, é tudo cheio de água, tudo é um fluxo. E aí, esse fluxo, ele é mnemônico, ele traz narrativas, ele traz história, ele traz ancestralidade, entende?”*

Lília Melo, em entrevista cedida à autora em 22 de outubro de 2021.

Entre as narrativas ouvidas em campo, a relação com a paisagem fronteiriça que beiras de rios, portos e canais delineiam, me instigam a pensar a agência destes lugares sobre os cotidianos e, portanto, sobre produções artísticas realizadas nestes bairros. Assim, pensar as experiências paisageiras e como elas se dão nos bairros, a meu ver, evoca o sensível e a construção de imaginário. Seja se tratando de narrativas audiovisuais ou narrativas orais, temos a ação do tempo internalizado, como duração, que é acúmulo, mas que também é devir e que está em constante desdobramento. Assim, esta duração também é memória coletiva, é o passado no presente, se pensarmos nas tradições orais e no que é repassado de uma geração para a outra, em contações, ou mesmo no cotidiano, nas trocas ordinárias.

Assim, para tratar da cidade como objeto temporal, a etnografia da duração destaca as intrigas, as diversidades de imagens e de dramas que configuram o cotidiano cidadão, apreendidos como uma espécie de mapeamento simbólico do emaranhando dos ritmos vividos por seus habitantes em múltiplos territórios. Na investigação do caráter inacabado do viver urbano, a preocupação de pesquisa se concentra nas estruturas espaçotemporais sob as quais se assentam os fenômenos da alteridade e da experiência humana no mundo urbano contemporâneo, fazendo-nos, como antropólogos, coautores da experiência urbana que é objeto de nossas etnografias. (ECKERT; ROCHA, 2011, pg. 108)



Conjunto habitacional popular na beira do Tucunduba, canalizado, com vegetação, lixo e urubus espalhados.

Lília Melo, professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro Fontenelle, localizada no bairro da Terra Firme, criou o coletivo Cine Clube TF, inicialmente formado por seus alunos da escola, com o objetivo de possibilitar-lhes o contato com a arte (como poesia, música, dança, audiovisual, entre outros), após uma chacina acontecida em vários bairros de Belém em novembro de 2014. A intenção inicial da professora se mantém até hoje, que é possibilitar novas perspectivas e experiências para jovens do bairro, ao mesmo tempo que busca que reconheçam os antepassados, respeitando a memória repassada, que saibam lidar com seu território e as particularidades da Terra Firme. Seu objetivo foi transmitido aos jovens que, no grupo direcionado para o fazer audiovisual, buscam documentar espaços do bairro e pessoas importantes para aquela comunidade. Assim, estas imagens criadas por estes jovens podem vir a complexificar aquelas anteriormente vinculadas ao bairro. Sobre o contato com as águas, a professora diz:

O rio Tucunduba ainda é trafegável, tu vê os barquinhos comerciais passando, ele ainda é uma área de lazer, porque a galera tá interagindo lá, brincando, entendeste? E ele é fonte de renda porque, ao invés (imagina, gente, isso seria uma Veneza) Imagina se tivesse uma política pública pra revitalizar esse rio e transformar aquela orla ali em uma coisa da comunidade, sabe, um turismo com base comunitária mesmo, colocar todos aqueles trabalhadores ali na orla, sabe, e dar sustento pra eles pra que a tia faça a tapioquinha dela ali, sabe? Seria super... a galera vai descer todinha do centro pra cá, entende? Porque, uma coisa que nós temos é conhecimento acerca da autossustentabilidade porque nós sempre fizemos isso. (Lília Melo, em entrevista cedida à autora em 22 de outubro de 2021)

Na fala acima, percebemos o quanto ela reconhece a presença e importância do Tucunduba (um braço do rio Guamá que é canalizado no bairro da Terra Firme, hoje) para a comunidade no seu entorno. Ele compõe a paisagem daquele bairro, com as dinâmicas do dia a dia ocorrendo em suas beiras. Na primeira conversa que tivemos, a professora frequentemente faz referência ao passado do bairro, ciente de seus esforços para agir em coletivo com seus alunos no presente, vislumbrando um futuro e outras possibilidades, como visto no trecho apresentado. Aqui, destaco o trajeto antropológico como uma forma de considerar as dimensões entre o subjetivo e o objetivo na paisagem, sua dinâmica, mas também sua “assimilação acomodadora”, sobre o qual Durand discorre que é “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social (2012, p. 41).

Conforme Lília Melo, as histórias dos bairros são “encharcadas”, pois banham umas às outras, seguem cursos próximos e têm afluentes em comum. Belém foi fundada a partir das suas relações (tomando-as sempre a partir de perspectivas simmelianas, destaco, conforme suas complexidades) com águas, mas houve (através dos aterramentos dos igarapés) e há tentativas de controlar, através de imposições maiores (em um sentido de mudanças estruturais), mas também existem as negociações cotidianas<sup>8</sup>, principalmente nas baixadas, cujo contato é mais direto pelas inundações e outras ações da chuva, pelos canais, beiras do rio ou da baía. Assim, as relações com as águas nem sempre são amistosas, mas permeiam os cotidianos das vizinhanças dos bairros de baixada.

Izabela Chaves, estudante de Cinema e Audiovisual na UFPA e moradora da Terra Firme, participa da realização de produções audiovisuais feitas no bairro desde sua adolescência, no Coletivo Tela Firme, formado por moradores do bairro e com a criação de vídeos que falam sobre o cotidiano, situações e personagens marcantes. Sobre estes personagens e sobre narrar memórias, é importante ressaltar, segundo Gastón Bachelard que:

Gostaríamos de ter um contínuo de atos e de vida para contar, mas nossa alma não guardou uma lembrança fiel de nossa idade nem a verdadeira medida da extensão de nossa viagem ao longo dos anos; guardou apenas a lembrança dos acontecimentos que criaram instantes decisivos de nosso passado. Em nossa confiança, todos os acontecimentos são assim reduzidos à sua raiz em um instante. (BACHELARD, 1988, p. 39)

Compreender o descontínuo de Bachelard é basilar para as observações de campo, onde lidamos com temporalidades descontínuas, feitas de momentos intercalados, reunidos por uma vibração rítmica em que ouvimos histórias que já foram repassadas, memórias revisitadas (Worms; Wunenburger, 2008).

---

<sup>8</sup> Estas negociações, comuns nestes bairros, são mostradas por Pedro Paulo Soares em seu estudo “Memória ambiental na Bacia do Una: Estudo antropológico sobre transformações urbanas e políticas públicas de saneamento em Belém (PA)” (2016).

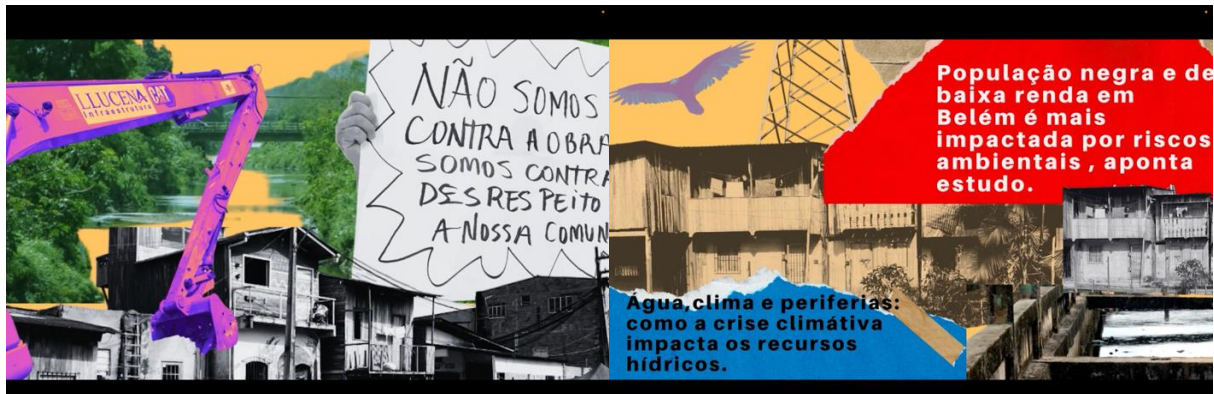


Captura de tela do vídeo “LAGO VERDE - relatos de famílias à margem do direito à cidade”.

Uma das experiências mais recentes de Izabela uniu sua profissão e sua moradia, que foi o vídeo documental sobre o Lago Verde<sup>9</sup>, curso d'água localizado em seu bairro e que vem passando por uma sequência de mobilizações políticas por conta da retirada de várias famílias do entorno, para que sejam iniciadas obras para construção de estradas e, também, por conta da especulação imobiliária, segundo Izabela. O documentário faz parte de seu estágio na universidade em um projeto de extensão que visa ações para melhorias nas questões sanitárias, habitacionais e, especialmente, socioambientais.

---

<sup>9</sup>Vídeo “Lago Verde - relatos de famílias à margem do direito à cidade”. Disponível em: <<https://youtu.be/LOCSqlxOh0o?si=02Pi9WCeD5x2YfMH>>. Acesso em jul. 2023.

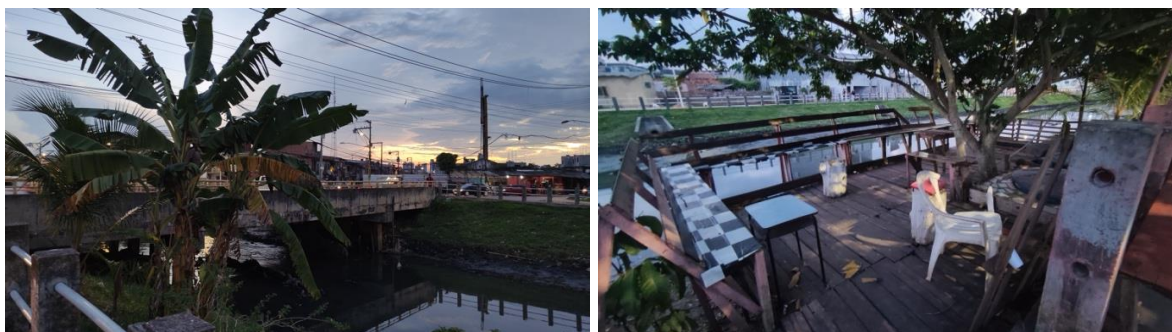


Captura de tela do vídeo “LAGO VERDE - relatos de famílias à margem do direito à cidade”.

Tanto o projeto como o vídeo, buscam a dignidade para as pessoas que vivem no entorno do Lago Verde e do Tucunduba. No curta-metragem, algumas famílias afetadas pelo remanejamento da área dão seu depoimento, falam sobre sua relação com a Terra Firme, com suas casas, suas memórias sobre o lugar. Ainda sobre a relação das pessoas afetadas por estas obras na Terra Firme, Izabela acrescenta:

além de olhar esse bairro como uma periferia, não é possível ter um planejamento socioambiental, só o centro da cidade pode ter árvore, por exemplo, entendeu? Então, teve uma ocupação desordenada ali, tudo mais, mas eu acho que isso é responsabilidade também do poder público de você fazer um planejamento adequado. Então... você lidar, por exemplo, os moradores tinham sua própria pracinha, não retirar a pracinha, retiraram a pracinha. Retiraram as árvores no próprio leito do rio, entendeu? Que tavam lá. Transformaram num canal. Então, não existe um planejamento de recuperação desse rio, assim como do Tucunduba. Se tu andar no Tucunduba tu vais ver a diferença visual da gestão do Edmilson pro Helder Barbalho. Não existe uma árvore. Todas as obras que foram feitas aqui na Terra Firme, a Perimetral, por exemplo, aquelas árvores que estão sendo colocadas são os moradores. Aquelas plantas, todas são sempre os moradores. (Izabela Chaves, em entrevista cedida à autora em 29 de julho de 2023)

As falas de Izabela sempre evocam as sociabilidades que acontecem no âmbito do espaço público, assim como o fazer coletivo e o quanto a vizinhança se mobiliza frente aos danos causados por diversas instituições, seja nas lutas jurídicas, seja nas adaptações das formas de ocupar a cidade, começando pelo bairro. As questões socioambientais, fortemente afetadas com as obras em andamento e as previstas, impactam diretamente sobre estas paisagens que “endurecem”, tomam outros padrões, mas as interferências da população, conforme falado por Izabela no trecho acima, demonstram o modo como estes moradores ocupam e tomam os espaços para si. Abaixo, uma foto da árvore plantada pelos moradores na beira do rio canalizado e, ao lado, uma área como um “deck” com bancos, mesas e cadeiras também construído pelos moradores, para que continuem desfrutando das margens do rio, mesmo após o processo de macrodrenagem.



Em março de 2022 foi inaugurado o Igarapé da Paz, um dos projetos vencedores do edital Preamar da Paz (<https://mapacultural.pa.gov.br/oportunidade/496/>), do governo do estado do Pará que, através da SECULT (Secretaria Executiva de Estado de Cultura), investiu em premiações a fazedores de cultura e de atividades artísticas para atuar dentro do que chamam de “Territórios pela Paz”<sup>10</sup>. Assim, o Igarapé da Paz foi uma iniciativa com artistas visuais no bairro do Jurunas. Desde dezembro de 2021 o grupo realizou oficinas que lidam com esta área, como grafite, stencil, cores, formas etc. E, no mês de janeiro de 2022, partiram para sua ação direta, que é fazer arte nos muros do bairro. Em sua página na rede social digital Instagram, registram as reuniões, visitas aos muros, preparações e os resultados. Ainda nesta rede, publicaram vídeos em que os próprios artistas falam sobre suas obras e opiniões sobre moradores do entorno destas pinturas e/ou moradores das casas cujos muros fazem parte desta intervenção artística.

A travessa Quintino Bocáiuva foi o local escolhido para estas intervenções artísticas e, no dia 27 de março de 2022, houve a inauguração, com alguns serviços ao público e uma visita guiada pelos muros pintados ao redor do canal. Aqui, além do título do projeto, que novamente faz referência às águas, destaco as intervenções artísticas presentes, como o barco pintado e “exposto” no canal, mas sem exercer sua “função”, simbolizando as atividades inerentes a este braço de rio, assim como algumas das artes feitas, nas quais as pequenas embarcações também se fazem presentes.

---

<sup>10</sup> Territórios Pela Paz é um programa criado pelo Governo do Estado do Pará em 2019, que visa a “diminuição da vulnerabilidade social e o enfrentamento das dinâmicas da violência, a partir da articulação de ações de segurança pública e ações de cidadania em sete bairros da Grande Belém: Guamá, Jurunas, Terra Firme, Benguí e Cabanagem (Belém), Icuí (Ananindeua) e Nova União (Marituba)”. Hoje, o projeto já se estendeu para alguns interiores do estado. Ler mais sobre os Territórios pela Paz em: <https://agenciapara.com.br/noticia/13159/#:-:text=A%20ideia%20C3%A9%20investir%20em,o%20de%20envolvimento%20humano%20dos%20territ%C3%B3rios>. Já as Usinas da Paz, que são estes espaços construídos, têm como objetivo ser um ponto físico de assistência social e de saúde, cursos de formação, atividades culturais e criando espaços de convivência nestes bairros.





Frequentes também foram os relatos de que aquelas artes se referiam às pessoas que habitam o bairro do Jurunas ou mesmo aos primeiros moradores, ribeirinhos, imigrantes, às atividades que ocorriam com maior assiduidade em um passado em que, de algumas formas, as águas eram mais presentes nestas dinâmicas diárias. Para o autor

Maurice Halbwachs (2004), a memória é uma experiência de vida coletiva, ao mesmo tempo em que não foi vivida do mesmo jeito, portanto, é iminentemente social. Quando em contato com ela, novamente, pode ser revisitada de diferentes formas, com outros aspectos.

No início do evento, Jean Ferreira, coordenador do Gueto Hub, falou sobre a importância deste projeto, cujo nome remete à ideia de "retomar a história dos igarapés que viraram canal, onde havia navegação, chegavam comida etc (...) hoje, o bairro está ensinando como ressignificar o espaço". Disse também que este momento de entrega do corredor cultural é apenas o início, não o fim deste movimento no bairro. Mencionou que a articulação com a Usina da Paz (que, na época, estava em construção nesta mesma rua), também é uma abordagem interessante para a população. Jean disse que, ao contrário do canal e da macrodrenagem que aconteceram de forma que não houve diálogo com moradores do bairro, esses projetos visam essa conversa direta da população com o governo do estado, considerando as questões socioambientais e o contexto das atividades ali praticadas.

O espaço coordenado por Jean, Gueto Hub, é uma biblioteca comunitária e casa de cultura, localizada no Jurunas. Neste espaço, também está o Museu D'Água, lugar de memória que, segundo o site, é uma união dos bairros Canudos, Condor, Cremação, Guamá, Jurunas e Montese (Terra Firme), que compõem o Distrito administrativo D'Água (por isto o nome). Assim, é um museu que

se desenvolve em pesquisa histórica e afetiva com a criação do acervo "Olhos D'Água", a partir de doações de moradores, para fotografias familiares e de registro que contam a história da região onde o Museu se encontra. Proporcionando diálogos antes invisibilizados na história da cidade, e nos espaços museais.<sup>11</sup>

Através de suas atividades e acervo, o local convida os moradores do bairro a estarem em contato com sua história, narradores e imagens, gerando trocas que, posteriormente, podem vir a compor suas coleções e exposições. Esta também é uma forma de reafirmarem a importância do lembrar. Seus registros e ações salvaguardam aqueles aspectos que a vizinhança reconhece enquanto parte importante da sua história, sejam momentos específicos ou cotidianos, sejam pessoas únicas na história do bairro, sejam peças que simbolizem as trocas e a complexidade de lidar cotidianamente com as águas. Considerando o que Gilbert Durand diz, que

Todo pensamento humano é uma *re*-apresentação, isto é, passa por articulações simbólicas" (...) no homem não há uma solução de continuidade entre o "imaginário" e o "simbólico". Por consequência, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana. (DURAND, pg.41, 1998).

---

<sup>11</sup> Aba do site sobre o Museu D'Água: <http://museudagua.org/sobre/>

Assim, quando as águas emergem enquanto símbolo, são evocadas junto com outros fatores como contexto, o *como* foi evocada e quem o fez.

### Considerações finais

Seja enquanto bordas, fronteiras ou baixadas, como o tópico deste texto, as paisagens de águas, como chamei esta construção dinâmica por e com as águas e as vidas que ocorrem no seu entorno, produzem memórias e duram no tempo. No caso desta pesquisa, seguindo Gilbert Durand, tendo a compreender que o devaneio leva à ação de criar artisticamente, narrando estas memórias e registrando-as. Assim como o fluxo dos rios, são memórias inconstantes, que podem se modificar a cada vez que são revisitadas, ou a partir de quem as narra, agora, voltando as câmeras, os pinceis e os microfones para si mesmos.

Nota-se que os devaneios dos moradores destes bairros (falando deste recorte pois se trata do foco desta pesquisa, podendo se estender para outros moradores da cidade) têm certa convergência nas águas. As imagens das diversas experiências com as águas urbanas convergem e constelam entre si, se tocam e produzem sentidos (DURAND, 2004). Temos a bacia semântica para a qual convergem estes símbolos, assim como a bacia hídrica dos rios que nutrem estas imagens. Seja no fluxo inconsciente ou consciente, nas falas e conversas, ou no processo criativo de artes visuais ou de produções audiovisuais, imagens evocam outras imagens.

Deste modo, estas pessoas reelaboram as paisagens dos seus bairros a partir de suas ações, mas, sobretudo, de sua memória coletiva, que evoca passados, tempos, personagens que duram, agora, em criações visuais e sonoras que se perpetuam digital e fisicamente (no caso de museus e artes urbanas, por exemplo). A imaginação criadora traz as possibilidades de elaboração de imaginários diversos, de rearranjos, que partem, agora, de dentro destes bairros, que podem narrar por imagens, sons e escritas suas experiências cotidianas na cidade de Belém.

### Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A dialética da duração. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. A intuição do instante. Campinas: Venus Editora, 2007.

BOSI, Ecléa. Introdução. In: Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 43-70.

CERTEAU, M.. A Invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

DURAND, G. As estruturas antropológicas do Imaginário. Introdução à Arquetipologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 2012. pp. 21-64.

- \_\_\_\_\_. O imaginário: ensaio acerca da ciência e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. O tempo e a cidade. Porto Alegre: UFRGS. 2005.
- \_\_\_\_\_. Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.
- HALBWACHS, M. La localización de los recuerdos. In: Los marcos sociales de la memoria. Barcelona/Caracas, Anthropos Editorial; Universidade de Concepción, 2004, p.139-174.
- PENTEADO, A. R. Belém - Estudo de Geografia Urbana. Vol. 1. Belém-Pa: Universidade Federal do Pará, 1968, 183 p.
- SANSOT, P. Identité et paysage. In: Les Annales de la recherche urbaine (18). Des paysages. 65-72. 1983. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/aru\\_0180-930x\\_1983\\_num\\_18\\_1\\_1069](https://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_1983_num_18_1_1069)>. Acesso em 30 dez. 2018.
- SILVEIRA, F. L. A. 2009. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. In: Silveira, F.L.A. da; Cancela, C.D.. (Org.). Paisagem e cultura. Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, p. 71-83.
- SIMMEL, George. Sociologia (organizado por E. de Moraes Filho). São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. A Ponte e a Porta. Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho, 12, 11-15. 1996b. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6379>> Acesso em 11 jun 2022.
- WORMS, Frédéric; WUNENBURGER, J-J. Force et résistance; Le rupture de Bachelard avec Bergson... In: Bachelard/Bergson - continuité, discontinuité. Paris: PUF. 2008.